

# DA CONCEPÇÃO DO BULLYING AO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA COMO MANIFESTAÇÃO DA ALIENAÇÃO: UMA ANÁLISE ONTO-HISTÓRICA.

Érico Ricard Lima Cavalcante Mota<sup>1</sup>

Kildilene Carvalho Matos Mota<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar, à luz da ontologia marxiano/lukacsiana, uma das faces que a violência assume no contexto de crise estrutural do capital: bullying, palavra de origem inglesa, sem correspondente para a língua portuguesa. Compreendemos que nossa análise deve partir da compreensão do pilar que estrutura a sociedade em que vivemos que é a relação capital-trabalho para a produção de mercadorias. Por esta razão, para darmos conta de nosso objeto, lançaremos mão dos seguintes autores: Engels (1979), que trata da teoria da violência; enquanto Marx (2008) analisa o caráter estranhado do trabalho, estranhamento esse que se desdobra inclusive sobre o que este pensador denominou autoalienação (sobre o indivíduo e sua relação com o gênero humano); Mészáros (2006), que tomou para si a tarefa de analisar as características da sociedade capitalista sob a crise inédita desse sistema, crise essa que agudiza os problemas da humanidade, o que, por conseguinte, acentua as formas de manifestação da violência. Acorramo-nos nesses autores para demonstrar que são limitadas as análises empreendidas por diversos autores, de acordo com os quais o bullying se refere a atos violentos, sem motivação aparente, praticada entre estudantes no âmbito escolar, cujo fenômeno vem sendo estudado desde a década de 1970 em todo o mundo. Silva (2010) afirma que o fenômeno é um problema de saúde pública; Fante e Pedra (2008) afirmam que é necessário reconhecer o fenômeno, a fim de diferenciá-lo das demais formas de violência. Na contramão das análises desses autores, entendemos que o bullying, não representa efetivamente um fenômeno novo, pois em sua essência está ancorado nos condicionantes histórico-sociais cujo entendimento é fornecido pelo legado marxiano. Por fim, é somente esse legado que nos permite compreender a célula que preside a sociabilidade específica, a mercadoria. É a partir dessa célula que podemos entender o processo de desumanização dos próprios homens, do qual o bullying é expressão.

**Palavras-chave:** Ontologia. Bullying. Violência.

---

<sup>1</sup> Pedagogo/UFC, Especialista em Gestão Escolar/UECE e Mídias da Educação/UFC e Mestre em Educação/UECE. Professor Assistente da Universidade Estadual de Goiás - UEG / ericoricard@gmail.com.

<sup>2</sup> Pedagoga/UECE, Especialista em Psicopedagogia/UECE, Mestre em Educação Brasileira/ UFC. Professora da Prefeitura de Crixás-Go / kildzip1@yahoo.com.br.

## **Justificativa**

Ao abrir uma página da internet em qualquer site de pesquisa e digitar a palavra *Bullying*, encontrar-se-á dezenas de artigos, questionários, livros e pesquisas com este tema. Capas de revistas de diversas áreas: medicina/psiquiatria, psicologia, sociologia, psicopedagogia, educação dentre outras.

A violência no mundo dos homens não se trata de um assunto novo, pois há relatos de sua existência desde a pré-história, possivelmente tenha se agravado de forma mais contundente pela divisão das classes sociais, mas os primeiros estudos da categoria *bullying* datam apenas da década de 1970 apresentando os primeiros resultados em 1989 pelo Norueguês Dan Olweus, explorada a seguir.

Exemplo curioso dentro da literatura é o caso do livro *Tom Brown's School Days*, de Thomas Hughes, escrito na Inglaterra no século XIX que trata do menino Brown que era aterrorizado pelo seu colega Flashman na escola para garotos Rugby. O livro é considerado por muitos como uma obra autobiográfica. A violência é relatada, mas a categoria só foi criada aproximadamente um século depois, portanto o fenômeno só passou a ser objeto de estudo científico na década de 1970, na Suécia.

Na década de 1980 o assunto retomou o interesse público nos países escandinavos, pois o suicídio de três estudantes com idade entre dez e quatorze anos, motivado aparentemente pelas relações de *bullying* na escola, chocou a população norueguesa no final de 1982, desencadeando um renovo no interesse pelo tema. Desde então, Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega e pioneiro nas pesquisas envolvidas com essa temática, passou a pesquisar e coletar dados do fenômeno.

No Brasil, os estudos sobre o tema ainda são recentes, se for comparado com os estudos pioneiros. Dentre os estudiosos brasileiros, pode-se destacar os estudos de Lúcia Helena Saavedra (2003), Dr. Aramis Lopes Neto (2003), Cleo Fante (2005), Ana Beatriz Barbosa Silva (2010) dentre outras centenas de artigos, periódicos, projetos, monografias e diversas publicações em geral.

O fato é que este tema nos últimos dez anos conquistou um espaço astronômico nos debates, novelas, noticiários, jornais e todos os outros meios de comunicação em todo o mundo. Talvez isto se explique pelos trágicos desfechos que muitos casos de *bullying* tiveram nos últimos anos. Os autores que mais escrevem sobre este fenômeno são educadores, psiquiatras e psicólogos por acreditarem que se trata de um problema de ordem psicológica, interpessoal ou intrapessoal.

Talvez por apresentar conseqüências muito negativas no decorrer da vida das pessoas envolvidas com o fenômeno, o *bullying* já é considerado como problema de saúde pública por muitos profissionais da medicina. É o que nos diz a médica e psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva:

Não tenho dúvidas de que o bullying não pode mais ser tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional. Atualmente ele já é definido como um problema de saúde pública e, por isso mesmo, deve entrar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente. A falta de conhecimento sobre a existência, o funcionamento e as conseqüências do bullying propicia o aumento desordenado no número e na gravidade de novos casos, e nos expõe a situações trágicas isoladas ou coletivas que poderiam ser evitadas. (SILVA, 2010, p. 14).

Apesar de o tema em questão ter gerado bastante interesse na sociedade e na academia, os autores, em sua imensa maioria, que se propõem a escrever sobre o *bullying* parecem não apresentar uma abordagem que considere a totalidade do problema, pois ora o consideram dissociados dos aspectos históricos, ora dos determinantes sociais. Portanto, considerando que os autores marxistas e textos marxianos perseguem a perspectiva da totalidade como categoria de análise, elegeram-se os autores a seguir como referenciais para tal análise: Marx, Engels, Ponce, Mézaros, Odália, Jimenez e Segundo a partir da categoria da violência, por se acreditar que o *bullying* não deve ser interpretado de outra forma senão como violência, já que em sua essência, ele representa a violência.

Não se ignora que os autores escolhidos não elegem com excelência a violência em suas temáticas, mas apresentam subsídios teóricos para que se busque fazer tal relação, construindo assim uma análise necessária fundada neste referencial.

E, como já se pode supor, a violência que está se manifestando na escola, não é outra, senão a que se manifesta em todas as esferas da sociedade de classes na qual se vive. Portanto, o *bullying*, evidentemente, não pode ser considerado isolado do todo social, portanto cabe neste trabalho perseguir as respostas as seguintes questões: Considerando que a violência não é efetivamente um fenômeno recente no cenário mundial, quais as justificativas que fundamentam esta preocupação com a violência na contemporaneidade? Qual o conjunto de sentidos e significados sociais que tem levado as pessoas a perpetuarem a violência na contemporaneidade? Considerando o contexto histórico da humanidade, quem são predominantemente as vítimas e os algozes da violência cotidiana? Quais os pontos de semelhança e discrepância entre a violência encontrada na sociedade e o bullying – violência escolar? A escola tem o poder de romper com a cultura da violência? Quais seriam os limites de alcance do trabalho dos educadores?

### **Bullying, etimologia, conceito e abrangência.**

Etimologicamente o termo *bullying* deriva da palavra anglo-saxônica *bully* que na língua portuguesa corresponde a valentão, brutamontes, tirano ou brigão. Como verbo, *bully* corresponde a amedrontar, oprimir ou tiranizar; acrescido à terminação *ing* que submete a forma verbal ao gerúndio, portanto, ao pé da letra o *bullying* significa, na língua portuguesa, uma expressão parecida com **ato de valentão**. Se for analisado a partir da nossa impressão imediata, pode-se supor que o *valentão* pratica a ameaça e a opressão dentre outros tipos de violência. *Bullying* ainda não tem tradução na língua portuguesa. Na maioria dos países onde o fenômeno é analisado, emprega-se o termo em inglês. Embora alguns países utilizem outros termos sem que se perca a significação.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Segundo Fante e Pedra (2008) são usados, por exemplo, *mobbing*, na Noruega e Dinamarca; *mobbing*, na Suécia e na Finlândia; *harcèlement quotidien*, na França; *prepotenza* ou *bullismo*, na Itália; *yjime*, no Japão; *Agressionen unter Schülen*, na Alemanha; *acoso* e *amenaza* entre escolares ou *intimidación*, na Espanha.

O termo *bullying* é utilizado para nomear diversos atos violentos, sem motivação aparente (segundo os autores referenciados) praticados repetidamente entre estudantes no âmbito escolar. O termo foi adotado da literatura psicológica anglo-saxônica para mencionar comportamentos hostis, repetitivos e agressivos na escola. É o que nos diz Lopes Neto (2003, p. 244, grifos nosso):

*Bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são características essenciais de *bullying*, que tornam possível a intimidação da vítima.

Assim, o termo *bullying* abrange diversos tipos de atitudes violentas como a violência verbal, física, sexual, moral, material, virtual e psicológica. Portanto, inúmeras ações, todas de cunho violento e envolvendo crueldades realizadas no âmbito escolar são compreendidas como *bullying*. Leiamos nas palavras de outro estudioso do assunto as possíveis atitudes as quais se pode caracterizar o fenômeno. Segundo Fante e Pedra (2005, p. 36) diversas atitudes podem ser caracterizadas como *bullying*, dentre elas:

[...] apelidar, ofender, “zoar”, “sacanear”, humilhar, intimidar, “encarnar”, constranger, discriminar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, excluir, isolar, ignorar, perseguir, chantagear, assediar, ameaçar, difamar, insinuar, agredir, bater, chutar, empurrar, derrubar, ferir, esconder, quebrar, furtar e roubar pertences.

Outro termo semelhante ao *bullying* é o *mobbing* empregado em outros países. Há algumas semelhanças entre os dois conceitos - ambos são empregados para se referir a uma situação em que uma pessoa agindo sozinha ou contando com o apoio de um grupo tem como finalidade o abuso de outra pessoa. A raiz inglesa “mob” é utilizada para se referir a um grupo de pessoas que comete assédio contra outras. Assim, o termo *mobbing* é utilizado com frequência para definir o abuso de poder entre adultos nos seus ambientes laborais, exercendo pressão ou ameaça em algum trabalhador,

enquanto o termo *bullying* é utilizado para definir esse abuso no ambiente escolar. No Brasil, utilizamos com frequência o termo “assédio moral”, para esse tipo de situação, onde o trabalhador sofre a pressão ou ameaça.

Ao se deparar com as concepções de *bullying* dos autores supracitados, caminha-se na direção de concluir peremptoriamente que os autores concordam no seguinte delineamento: *Bullying* compreende diversas formas de violência, de caráter repetitivo, sem motivação evidente, no contexto escolar, entre estudantes (iguais).

A partir do conceito, pode-se extrair a informação mais relevante que identifica o *bullying* – a violência. Qualquer um dos atos nomeados pelos autores refere-se essencialmente a uma forma de violência – velada ou explícita / material ou imaterial / física ou psicológica / de cunho moral ou ideológico / generalizada ou pontual / individual ou grupal / amena ou acentuada, não importa exatamente a forma, refere-se a uma forma de violência, portanto afirma-se que a essência do *bullying* é violência.

Ao caracterizar o *bullying* como violência, tem-se de considerar os condicionantes históricos do surgimento da violência na história dos homens como pré-requisito para entendermos o percurso que cumpre o fenômeno da violência desde seu surgimento até a contemporaneidade. Constituir o *bullying* como um fenômeno novo incide num erro sociológico primário já que, apesar de apresentar um contexto sócio-cultural específico, não se trata de um acontecimento efetivamente novo – violência entre homens. Aliás, tal violência, como já foi dito, foi inaugurada provavelmente ainda nas comunidades primitivas na guerra entre tribos. Ir-se-á em breve insistir nas razões que levaram os modismos pedagógicos a constituírem uma categoria nova para se referir a um fenômeno tão antigo e tão conhecido pela espécie humana.

O primeiro aspecto que se pretende expor se delimita no fato de se tratar de uma violência repetitiva. Este aspecto merece uma atenção especial. Se a violência é repetitiva, significa dizer que a vítima não é escolhida ao acaso, mas há algo de específico na pessoa agredida que motiva tal ato – a cor da pele, o modo de se vestir, a voz, a estatura, a postura dentre outras. Numa análise mais geral, poderia se aferir que as subjetividades não se reconhecem, portanto se estranham. O processo de violência é desencadeado por um processo anterior de estranhamento do gênero humano. Eu, estudante, ser humano do sexo masculino não me reconheço no outro estudante, ser humano do sexo masculino. As

circunstâncias diversas que nos separam são predominantes às circunstâncias genéricas humanas que se identificam. Talvez possamos concluir prematuramente que o caráter repetitivo da violência indica que, as circunstâncias diversas que causam estranhamento não têm caráter transitório, mas permanente.

O segundo aspecto específico se refere a não apresentação da motivação evidente. Ora, se a agressão se repete, significa dizer que há algo de específico naquelas pessoas que são agredidas. A motivação da violência é o estranhamento, o que não está evidente é qual dos caracteres pessoais causa o estranhamento no outro ser genérico.

O terceiro aspecto que caracteriza o fenômeno precisamente ao contexto escolar. Tente-se uma apreciação empírica ao ambiente escolar no sentido de se entender quais os agravantes para o surgimento ou agravamento dos conflitos. Se o ambiente escolar contemporâneo nos parece um ambiente mais regulado, mais controlado, sistematizado do que a própria residência dos estudantes, como pode propiciar aos estudantes momentos livres de agressão? Se nas ruas a violência entre jovens é uma constante, porque a escola estaria livre disso? Porque a escola propicia aos alunos a vigilância de alguns adultos capacitados a lidar com os conflitos. Resposta errada. Encontra-se aqui, na ascensão do tema uma tentativa de responsabilização da escola, mais uma vez, do caos social. Por que procurar respostas na escola se o fenômeno é social? A barbárie que é própria do acirramento das relações capitalistas de competitividade e de concorrência. Ora, estranha-se o outro porque compara-se comigo. Compete-se o tempo todo. As relações de estranhamento existentes na relação trabalhador-trabalho, trabalhador-produto, trabalhador-trabalhador e trabalhador-gênero humano são reverberadas para a escola por diversas razões, dentre elas porque lá se encontram filhos dos trabalhadores que reproduzem a relação de estranhamento entre classes e de mesma classe, porque o processo de alienação produz e reproduz tais relações no seio da classe trabalhadora. Outra relação que é reverberada na escola refere-se à competição, quer seja do trabalhador contra o seu ser genérico, quer seja do capitalista na relação de concorrência pelo mercado.

O último aspecto que se refere ao fato do *bullying* se apresentar somente na relação entre iguais. Este aspecto apresenta uma ingênua idéia de que a escola consegue manter certa pseudo-homogeneidade dos alunos, portanto segmenta a violência entre iguais. O fato é que, como já foi dito, os alunos oriundos das classes trabalhadoras

terminam por reproduzir as relações de segregação das pessoas que não conseguem satisfazer aos ideais de mercado, portanto o estranhamento se reverbera na irreconciliável luta de classes e também no próprio interior da classe trabalhadora. Nestas relações estão implícitas também a relação da produtividade defendida “com unhas e dentes” pela ideologia capitalista. Na perspectiva da produtividade capitalista os indivíduos que não se encontram aparentemente dentro da média possível de produtividade sofrem com sanções de diversos tipos, inclusive pelos seus iguais que se vêem obrigados a acompanharem os ditames do mercado. Em nome da produtividade cria-se uma série de concepções, sem saber sequer que reproduzem as relações de mercado: Os magros demais são fracos; Os gordos são lentos; Os baixinhos não alcançam; Os de óculos são frágeis; Os piores, aqueles que não contribuem com o consumo, são obsoletos, cafonas.

### **Método, procedimentos e fontes de dados**

A concepção materialista enquanto corrente filosófica teve sua gênese no pensamento de Epicuro, mas foi Marx que deu substância a esta concepção, contrapondo-a a visão idealista defendida por Hegel, seu mestre. Marx cunhou uma crítica radical ao idealismo hegeliano, na qual afirma a materialidade da realidade. Para Hegel o campo das idéias é que determina as ações humanas, portanto o homem agiria primariamente a partir de sua teleologia. Marx mostra a inversão feita por Hegel mostrando que a realidade material é que determina o mundo das ideias, ou seja, o material determina e é primário – e o que é determinado – as representações e conceitos acerca dessa realidade. Neste contexto, o que produz a materialidade é o trabalho, portanto:

Somente no trabalho, na posição dos fins e dos meios de sua realização, consegue a consciência com um ato dirigido por ela mesma, mediante a posição teleológica, ir além da mera adaptação ao ambiente – na qual se inclui também aquelas atividades dos animais que transformam objetivamente a natureza, de modo involuntário – e executa na própria natureza modificações que, para ela, seriam impossíveis e até mesmo inconcebíveis. (LUKACS, 1971 p.16)



Segundo Marx e Engels (1996, p. 37) “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” ou entenda-se que não é a consciência que determina o real, mas a realidade material ou materialidade que determina a consciência. Na concepção materialista, a necessidade humana de alimentar-se e satisfazer suas necessidades básicas é primária em relação à sua subjetividade, mas isso não consiste na separação entre objetividade e subjetividade. Leia em Marx trecho que define a primazia das necessidades materiais:

O homem necessitado, carregado de preocupações, não tem senso para o mais belo espetáculo. O comerciante de minerais não vê senão seu valor comercial e não sua beleza ou natureza peculiar do mineral; não tem senso mineralógico. (MARX, 1991, p. 172)

Para o homem é necessário garantir mais urgentemente sua sobrevivência material, sem a qual o homem não subsiste, a partir da qual começa a se desenhar a sua subjetividade. É necessário entender que a relação entre a objetividade e a subjetividade humanas é de natureza dialética: o homem transforma o mundo através do trabalho e ao executar o trabalho, transforma-se também, ou seja, são modificadas suas estruturas cerebrais, sua capacidade teleológica de planejar se amplia. Antes de cunhar o machado, as estruturas mentais do homem projetavam o percurso sem as possibilidades que o instrumento lhes dava. Após a confecção do machado, as estruturas cognitivas do homem passam a se articular de forma diferente, possibilitando uma nova elaboração mais sofisticada das estruturas cognitivas e sua mediação permitida pelo instrumento. A evolução do mundo dos homens se constrói na perspectiva das relações sócio-históricas.

Marx procurou compreender a história real dos seres humanos em sociedade a partir de suas condições materiais, mas sem limitar sua visão a estas condições já que a consciência possibilita ao homem novas perspectivas e não apenas a responder estímulos como pensam os behavioristas. O materialismo histórico dialético se baseia nestes pressupostos acima explicitados. Contrariando as concepções de Hegel, Feuerbach, Schopenhauer e Kierkegaard, Marx postula que não existe o indivíduo desvinculado das relações sociais, mas todo processo de hominização só é possível no convívio social.

A perspectiva materialista, ao reconhecer o trabalho como fundamento do ser social, investiga o desenvolvimento histórico-social vinculado diretamente do modo de produção vigente. Apesar de considerar o modo de produção da sociedade como determinante para a análise, o materialismo histórico dialético não é determinista, sobretudo pelo seu caráter dialético. A dialética marxiana, diferente da concepção estática hegeliana, é entendida como *o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação.* (KONDER, 1980 p.08)

A definição de Konder, sobretudo evocando o princípio da contradição e da constante transformação mostram que o conceito de dialética é exatamente o inverso do determinismo econômico que alguns acusam o marxismo. Na concepção materialista dialética, o princípio fundamental norteador de suas pesquisas é a **totalidade**.

A totalidade, de forma sucinta, é a visão do conjunto, sem a qual não se pode conhecer a realidade. Esta visão do conjunto se pode entender a partir de duas principais concepções. A primeira concepção que fundamenta o princípio da totalidade é que o conhecimento é totalizante, ou seja, tudo que possa se perceber do real é apenas parte de um todo e não existe nenhum conhecimento isolado, portanto as pesquisas devem considerar seus achados como uma pequena parte do todo. A modernidade passa a desprezar este princípio ao compartimentar as ciências, cada pergunta em uma área, mas diversos autores da pós-modernidade começam a rever estas separações. Os estudos de interdisciplinaridade atualmente postulam veementemente a incapacidade das ciências isoladas em darem respostas aos problemas reais. Um bom exemplo que se pode dar é considerar o bullying como um problema exclusivo da escola. Pesquisas que procuram propor campanhas escolares para diminuir ou acabarem com a violência é semelhante a considerar uma parte do problema como o todo. Ao abordar o bullying, o princípio da totalidade nos obriga a buscar nas relações sociais a explicação para o bullying, num fenômeno mais abrangente e mais antigo – a violência.

A segunda concepção é de que a atividade humana, em geral, é um processo de totalização, que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada. É impossível ao pesquisador conhecer o todo de forma absoluta, mas é necessário ter a visão do conjunto, ou seja, considerar os determinantes sociais e históricos. *A visão de conjunto é sempre provisória e nunca pode pretender esgotar a realidade a que ele se refere.* A

*realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que a gente tem dela.* (KONDER, 1980 p.35).

Nesta perspectiva, o fenômeno da violência pode ser entendido em seus determinantes históricos e sociais. Os determinantes histórico-antropológicos dão conta de situar o surgimento e o desenvolvimento do fenômeno na história dos homens, mas cada sociedade enquanto realidade específica mostrará as nuances do desenrolar dos fatos e da ação humana. A violência que acontece na Alemanha carrega em si caracteres gerais da mesma violência brasileira, mas há aspectos histórico-culturais específicos. Se não fosse assim, os números de violência seriam sempre os mesmos de forma uniforme no mundo. Há diferenças específicas inclusive variando de cidade ou bairro, de acordo com a realidade local da classe social predominante.

Este trabalho não dará conta de discutir a violência local especificamente de uma escola, de um bairro ou cidade. Dará conta de constituir uma análise do fenômeno da violência brasileira, especificamente reverberada na escola denominada de bullying, aproveitando números e dados das pesquisas que serão mencionadas a seguir. Desta forma, este trabalho prevê a análise de uma síntese dos dados e de concepções. Sendo uma síntese, não abrange o universo das pesquisas existentes na área, mas busca perceber a visão de conjunto, ou seja, a perspectiva da totalidade e as relações existentes entre os fatos e a teoria mencionada. Segundo Konder(1980):

Há sempre algo que escapa às nossas sínteses; isso, porém, não nos dispensa do esforço de elaborar sínteses, se quisermos entender melhor a nossa realidade. A síntese é a visão de conjunto que permite ao homem descobrir a estrutura significativa da realidade com que se defronta, numa situação dada. (p.35)

Portanto não se pretende nesta pesquisa abranger todos os aspectos da violência humana, mas apresentar uma perspectiva do fenômeno que situe a violência no contexto da história dos homens, sem deslocá-lo ou reduzi-lo à esfera escolar.

Na perspectiva de conhecer o objeto desta pesquisa, as pesquisas de orientação materialista dialética partem obviamente do real, para através da reflexão sobre a luz da teoria construir o concreto pensado. Esta pesquisa partiu de uma

discussão da atualidade denominada bullying, para buscar sua essência na longa história da violência humana. Desde Platão e o *mito da caverna* que a filosofia e posteriormente a ciência buscam a essência por trás da aparência cotidiana dos fatos. Para Marx *...e toda ciência seria supérflua, se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente.* (MARX, 1985, Livro III, Tomo II, p. 271).

Tendo feito este delineamento sobre as concepções do método materialista histórico dialético, pretende-se apresentar os dados da pesquisa sobre os quais iremos nos debruçar na análise.

Um dos estudos que se utilizou baseia-se predominantemente em dados quantitativos recentes da violência no Brasil. Certamente tal estudo não apresenta amplitude necessária para quantificar de forma abrangente todos os tipos de violência, já que os dados de diversas formas de violência não são registrados de forma sistemática por nenhum órgão ou boletim, portanto estes números só nos possibilitam analisar os casos que fatalmente terminaram em óbito.

Portanto o estudo que utilizamos, serviu apenas situar os números da violência no Brasil que viraram óbito, decorrentes em sua maioria da violência. Em seguida, pretende-se situar o bullying na perspectiva da violência, especificamente escolar.

O primeiro estudo que foi utilizado foi sintetizado e divulgado em um documento chamado **Mapa da Violência - os jovens do Brasil - 2014** por Julio Jacobo Waiselfisz, sociólogo formado pela Universidade de Buenos Aires; mestre em planejamento educacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Coordenador da área de estudos sobre violência da FLACSO – Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Dirigiu pesquisas no Instituto Sangari, onde exerceu funções de coordenador regional da UNESCO em Pernambuco, foi coordenador de pesquisa e avaliação e do setor de desenvolvimento social da UNESCO/Brasil.

Para a análise do Bullying, utilizou-se pesquisa realizada pela professora Miriam Abramovay, que deu origem ao volume intitulado *Violência e Escola*(2002). Abramovay é professora da Universidade Católica de Brasília e vice- coordenadora do

Observatório sobre Violências nas Escolas no Brasil (UNESCO – Universidade Católica de Brasília e Universidade de Bordeaux).

Como base teórica desta análise, recorreu-se a teoria da alienação, contextualizada na obra marxiana Manuscritos econômico-filosóficos.

### **Notas conclusivas da pesquisa**

A primeira pergunta se refere às justificativas do interesse que a violência tem gerado na contemporaneidade. Definimos “violência”, de forma genérica, como ato, ação ou processo no qual um indivíduo ou vários impõem consciente e intencionalmente a outro um desfavorecimento de alguma espécie com determinada finalidade, podendo ser de caráter moral, físico, material, intelectual ou emocional.

Tentando responder sobre as justificativas que emergem o tema da violência no cenário da contemporaneidade, apresentam-se os dados do Mapa da Violência.

Como revelam os dados do Mapa da violência, desde as cinco últimas décadas que o perfil da mortalidade tem mudado: da mortalidade por epidemiologia para a mortalidade por violência: homicídio e suicídio. Resolvemos não denominar acidentes de trânsito por violência, porque não consiste em ato intencional e consciente.

Apenas estes dados serviriam para justificar o interesse pelo assunto, mas na verdade, tais dados não chegam a incomodar a grande mídia nem as classes abastadas, já que as vítimas de tal processo são predominantemente compostas por negros, pobres moradores do subúrbio.

O fato é que, simultaneamente com a violência do subúrbio, cresce e se fortalece a cultura da violência que permeia todos os cômodos sociais, gerados, em nossa visão, principalmente pela grande mídia que abastece de informações parciais as residências. Exemplo disso são os telejornais populares locais; os desenhos animados da TV aberta; a promoção da luta livre em horário nobre; os filmes de ação e terror, os jogos de videogame, dentre outros.

Definimos violência de forma genérica, mas há certamente muitos tipos de violência. Para Engels, o principal tipo está na relação de trabalho, com desfavorecimento do trabalhador. Este é o tipo que os intelectuais da modernidade amparam e legitimam, com suas leis e contratos de trabalho.

A violência que incomoda às classes mais abastadas – a **violência entre classes**. Esta forma surge da insatisfação de pessoas marginalizadas pela má distribuição de renda, gerada principalmente pelo trabalho estranhado, gerando assim assaltos, furtos e homicídios. Contra este tipo de violência é que a sociedade e os meios de comunicação clamam.

A violência que o Mapa 2014 revelou é fruto da desigualdade social, em que predominam em 92% os homicídios contra homens, 70% deste quantitativo são jovens, negros e pobres de periferia. Desigualdade essa gerada historicamente pelo modo de produção capitalista que produz riqueza para uns poucos e pobreza para muitos. Embora esta violência contra negros, pobres, jovens de periferia seja a que mais ceifa vidas, não é esta que incomoda a sociedade moderna, olhando unicamente para si e manipulada pela grande mídia.

Como dissemos, o *bullying* é um tipo de violência que incomoda, porque não atinge exclusivamente os filhos dos trabalhadores, mas atinge inclusive os jovens ricos, brancos, das classes mais favorecidas. Por isso que tem alcançado tamanha expressão. Enquanto a violência estiver apenas na periferia, exterminando jovens negros e pobres não se tornaria um fenômeno amplamente discutido.

Como dissemos, a violência está na sociedade de forma viral, contaminando todos os espaços da vida moderna, nas capitais e mais atualmente no interior, como consequência das exigências do mercado que cada dia mais defende a competição, a concorrência, a eficiência, eficácia, a produtividade e a principalmente a sobrevivência do sistema.

O segundo questionamento busca os sentidos e significados sociais da violência. Tentamos responder baseados na relação de estranhamento existente na forma de trabalho capitalista. Na sociedade capitalista, como já foi dito, o trabalho produz riqueza para uns e mortificação para outros. Desta forma, o trabalhador não se

reconhece nem no produto, pois não lhe pertence; nem na atividade, pois não satisfaz suas carências nele, *nem desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína o seu espírito [...] e por conseqüência... o homem só se sente como ser livre e ativo nas suas funções animais, comer, beber, e procriar, quando muito ainda habitação, adornos, etc.*(MARX, 2004, p. 83).

O quarto aspecto do estranhamento em Marx se refere às relações do gênero humano. O trabalho livre produz prazer, contentamento e reconhecimento do homem em seu ato e produto, obra de suas mãos. Ao realizar o que lhe satisfaz, o homem associado com seus semelhantes produz relações de identificação e coletividade. Mas o trabalho estranhado que produz no homem o estranhamento de sua própria espécie, possibilita o surgimento da vida individual, tão necessária ao fortalecimento do capitalismo. Para individualizar a produção e fortalecer o consumo seria necessário por em evidência as individualidades.

No capitalismo, esta relação se materializa no produto objetivado. Há um nível de reconhecimento nos indivíduos que consomem os mesmos produtos. A identificação e o reconhecimento, entre seres genéricos, enfraquece, e as pessoas procuram se agrupar e constituir uma identificação pelo que consomem. A violência simbólica, enquanto ato de exclusão, indiferença, preconceito e segregação, muitas vezes, se constitui por diferenças de identidades de consumo.

Outro aspecto do mesmo estranhamento acontece entre classes. Nesta forma de sociabilidade, as pessoas procuram se associar por categoria ou condição social. Trabalhadores procuram se relacionar com outros trabalhadores, empresários com empresários. Esse tipo de associação produz neles uma identidade de classe que pode ser homogênea ou não, por causa também da concorrência entre si. No caso dos trabalhadores, isso acontece também em partes, já que a produção da alienação os possibilita tanto ascender socialmente quanto não aceitarem se reconhecer com a classe trabalhadora. Neste caso, tais trabalhadores podem procurar se identificar com outras classes, levando-o possivelmente a vigiar e delatar seus companheiros.

Mais um aspecto do estranhamento que explica em partes os sentidos da violência, acontece no meio da própria classe trabalhadora, dividindo-as pelos bens de consumo. Os trabalhadores que conquistaram certos bens antes dos outros se sentem

privilegiados e, por isso, ostentam, em parte, o estilo de vida semelhante ao das classes dominantes, por isso menosprezam os outros que não detêm a mesma condição. Esta diferenciação geralmente causa conflitos de várias espécies, rompendo com a identificação, gerando provavelmente vários tipos de violência.

A terceira pergunta visa revelar as vítimas e os algozes da violência. Para respondê-la utilizaremos as constatações do mapa da violência, ao fazer o apanhado da mortalidade e suas causas.

O mapa nos revela quem são as principais vítimas: os jovens pobres, negros do sexo masculino (entre 15 e 29 anos), mas não nos revela quem são os homicidas. Como dissemos, concordamos que a cultura da violência não se fundou nesta geração, afinal em 1980, 50% da mortalidade já era decorrente de homicídios. Os números avançaram e as novas gerações continuam a reproduzir a violência.

Se considerarmos a violência como ato genérico, podemos dizer que ela é causada pelo gênero humano, concordando, em parte, com Freud. Mas o fato revelado pelos dados é que os países das América do Sul e Centrais, dependentes dos grandes impérios capitalistas tem desenvolvido formas de violência absurdas. Neste caso, podemos afirmar que o grande produtor da violência é o capitalismo periférico dependente das potências imperialistas que causam níveis de desigualdade sociais extremos.

Além das desigualdades sociais e situações de pobreza, o Relatório de Desenvolvimento Humano(PNUD) revelou outros dois fatores que também fazem parte do contexto capitalista e influem para o quadro da violência: o tráfico de drogas e a presença de armas de fogo no cerne da sociedade.

Portanto, as vítimas da violência são as pessoas pobres, predominantemente negras, moradoras dos subúrbios, vitimada principalmente pelo capitalismo e também, em pequena medida, de suas escolhas erradas.

Na quarta e na quinta perguntas, resolveu-se juntá-las e respondê-las num único texto pela relação estreita entre elas. A quarta se refere a relação entre a violência o *bullying* e a quinta questiona as possibilidades que a escola encontra para romper com a cultura da violência.



A violência é um fenômeno genérico, clássico, universal que permeia todas as épocas e civilizações. É provável que ela tenha estado presente em todas as escolas desde sua fundação. Há poucas décadas, essa violência escolar ganhou outro nome – *bullying* - e uma série de pessoas e pesquisadores resolveram dar nova atenção ao fato, como se ele fosse algo novo. O *bullying* é um nome novo para um fenômeno antigo.

Baseados nos dados da pesquisa sobre bullying, concluímos obviamente que as relações escolares são meramente humanas. O que se percebeu nesta pesquisa foi à velha tentativa de responsabilizar a escola pela violência das pessoas e de sua cultura moldada pela sociabilidade desta sociedade capitalista.

Percebeu-se também que o olhar dos organismos internacionais, neste caso a UNESCO, sobre a escola visa responsabilizá-la pela cultura da sociedade. Esta perspectiva, em nossa concepção, erra gravemente ao desprezar que as pessoas que fazem a escola estão na sociedade e são produtos da mesma cultura, portanto a escola sozinha, não pode romper com a cultura da violência que está eminentemente na sociedade.

Ao nos depararmos com os números levantados pelas pesquisadoras da violência na escola, verifica-se que a cultura da violência alcança certa homogeneidade. Há também uma tentativa de responsabilização mútua: os alunos tentam responsabilizar os professores, diretores e funcionários pelas suas atitudes, como forma de defesa; e do outro lado, os professores, diretores e funcionários responsabilizando a cultura da sociedade presente nos alunos como agentes da violência.

Outra percepção obtida é que as pesquisadoras tentam o tempo todo responsabilizar a própria escola, na atitude de seus atores, pela violência. Não de forma sutil, mas tentam mostrar que os próprios educadores são geradores da violência. Elas fazem isso, escolhendo os depoimentos que afirmam o que elas querem dizer.

Apesar deste viés gerencial governista percebido na pesquisa, esta é uma das conclusões a qual chegam as pesquisadoras, sem se darem por conta que a cultura da violência está arraigada na comunidade e só resta aos atores a conviverem se protegendo (mantendo o silêncio!).

Certamente as autoras, continuam a afirmar o poder da escola em modificar a violência da comunidade. Discordamos veementemente de sua afirmação, mas não totalmente. A escola tem poderes limitados e pode incentivar, semear e até converter alguns indivíduos pela denominada *cultura de paz*, mas não cabe a escola transformar a sociedade.

A sociedade, inclusive pautada pela cultura de massa veiculada cotidianamente pela mídia exala violência desde os desenhos animados, passando pelos programas policiais, lutas livres, novelas, filmes, seriados, dentre outros. A escola, com seu conjunto de regras castradoras das individualidades, não consegue romper a cultura arraigada de gerações empobrecida pela desigualdade histórica das classes trabalhadoras.

Além disso, a escola se tornou, em formato, obsoleta e desagradável. Em relação ao conteúdo, a escola paulatinamente tem se transformado num formato cada dia mais esvaziado de conhecimento, pelo imperativo do mercado em subsumir os conteúdos em perfis, competência, habilidades e qualificações para o mercado de trabalho.

O quão violento não é o mercado? Entende-se que as leis de mercado não são pautadas para o ser humano, mas para a produtividade e rentabilidade. Como pode uma escola que forma para o mercado defender a cultura de paz? Em nossa leitura, há tamanha incoerência na relação entre os ditames do mercado e uma cultura de paz.

## Bibliografia

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, , 2002.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Rio Porto Alegre: Artmed, 2008.

LUKÁCS, Gyögy. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983-1985. 3 v. (Os Economistas).

\_\_\_\_\_. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contribuição para a crítica da economia política**. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Mandacaru, 1989.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômicos filosóficos**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1975. Tomando como base na seleção de TB Bottomore.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de José Arthur Giannotti. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. Prefácio para a crítica da economia política. *In*: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. p. 135-136. (Coleção Os Pensadores).

MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do capital. **Outubro**, São Paulo, n. 4, 2000.

\_\_\_\_\_. **Marx: a teoria da alienação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MORFINO, Vittorio. **The syntax of violence between Hegel and Marx. Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 19-37, 2008.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Deribaldo. Concepções epistemológicas e onto-históricas da técnica e da tecnologia: um debate no legado de Álvaro Vieira Pinto. *In*: SANTOS, Deribaldo; JIMENEZ, Susana; VIANA, Cleide M. Q. **Educação pública, formação profissional e crise do capitalismo contemporâneo**. Curitiba: CRV, 2012.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro, 2010.

WASELFISZ J.J. **Mapa da violência 2013**. Acidentes de trânsito e motocicletas. Rio de Janeiro: CEBELA-FLACSO, 2013.

